

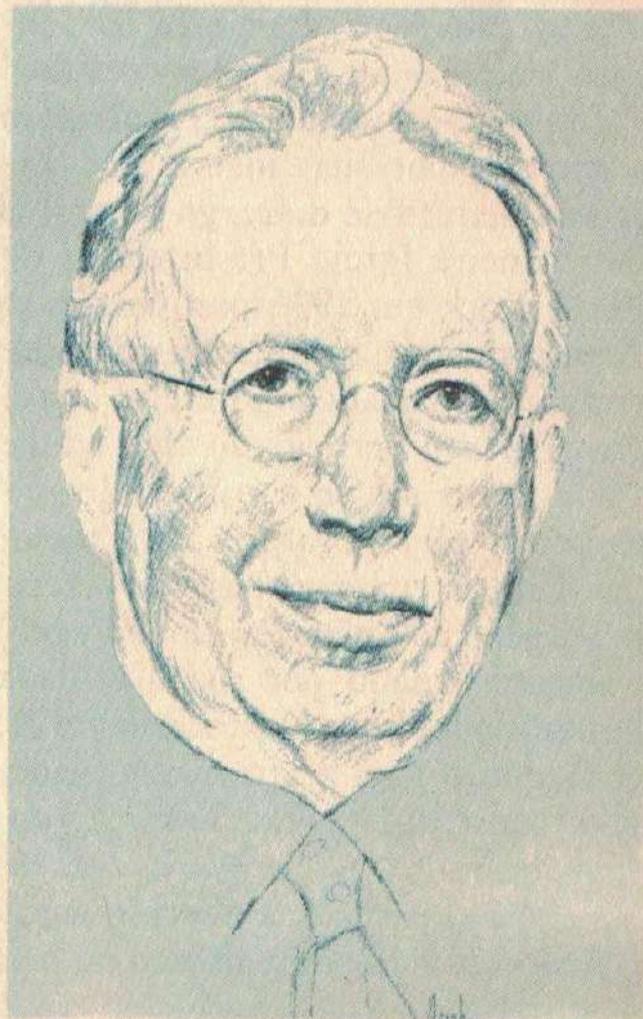
*Ele viveu inflexivelmente
segundo sua própria receita: "Escolha
um objetivo elevado e dedique-se
a ele de todo o coração"*

O Inesquecível Harry Emerson Fosdick

NARDI REEDER CAMPION

ERA UM BELO dia azul-e-dourado em outubro, mas eu estava deprimida demais para apreciar a luz do Sol. Com um pêso no coração entrei na Igreja Riverside, na cidade de Nova York, para o serviço em memória do homem mais impressionante que já conheci — Harry Emerson Fosdick. Com a cabeça vergada pela tristeza, ouvi o ministro dizer: “Não viemos hoje aqui de ânimo abatido. Se jamais houve uma ocasião para celebração, tanto quanto para comemoração, é esta.”

Celebração! Claro que devíamos celebrar uma vida daquelas. O Dr. Fosdick se destacara em todos os setores do sacerdócio cristão. Fundador da Igreja Riverside e professor do Seminário da União Teológica durante 38 anos, êle foi pregador fa-



moso, conselheiro, teólogo, defensor de causas, autor de quase 40 livros de sucesso e um amigo generoso—um homem para tôdas as ocasiões.

Herege Orgulhoso. Conquanto êle morresse “rico em anos e em glórias”, durante grande parte de sua vida foi alvo de controvérsias. Pioneiro na luta pela compreensão entre as religiões e pelo movimento pacifista, o Dr. Fosdick enfureceu os cristãos conservadores que queriam “manter a Igreja afastada da política”. Assumiu a liderança ao relacionar a Igreja com a cultura científica do século XX, travando uma luta feroz com os fundamentalistas que repeliam a ciência em nome da Bíblia. “Quando se nega o conhecimento, está-se negando a Deus”, insistia êle. “Porque Deus é a verdade.”

Inquebrantavelmente, êle arriscou a carreira por suas idéias. Foi forçado a demitir-se do cargo de pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Nova York em 1924 porque não se “conformava com o sistema da doutrina”. “Chamam-me herege”, bradou em seu sermão de despedida. “Ora, eu o *sou* se o padrão de julgamento fôr a oratória convencional. Ficaria envergonhado se vivesse nesta geração e não fôsse um herege.”

Impressionado por sua obstinada honestidade, John D. Rockefeller Jr. convidou-o para a igreja que planejava construir. O Dr. Fosdick, porém, hesitou.

—Não quero ser conhecido como o pastor do homem mais rico do país—afirmou.

—Gosto de franqueza—respondeu Rockefeller.—Mas acha que mais gente criticará o senhor por causa de minha fortuna do que *a mim* por causa de sua teologia?

O Dr. Fosdick acabou aceitando, com a condição de que a igreja fôsse inter-racial e interdenominacional—e que fôsse erguida em uma área não opulenta da cidade. Assim começou sua longa e produtiva associação com a Igreja Riverside.

Todos concordam que o Dr. Fosdick foi uma das grandes vozes proféticas de sua geração, um ministro cujos poderosos sermões e o programa semanal de meia hora no rádio, que dirigiu de 1927 até fins de 1946, afetaram a vida de milhões de pessoas. Mas êle sempre dizia: “Nunca medi meus serviços por números. Números não são prova de vigor espiritual. Se eu tivesse alcançado uma única pessoa necessitada de ajuda, seria o suficiente.”

Felizmente para mim, um curioso fio veio ligar minha vida à do mais notável pastor norte-americano. Depois que nos mudamos para um subúrbio de Nova York, meu filho, que estava no primeiro ano primário, contou-me um dia que fôra convidado a visitar um menino chamado Stevie Downs. “O pai dêle foi morto na guerra”, disse Tommy, “e êle vive com o avô, o Dr. Fosdick.”

Naquela tarde, quando fui buscar Tommy, a Sr.^a Fosdick atendeu à porta e amavelmente convidou-me a entrar para tomar chá. O Dr. Fosdick estava lá, mas parecia tímido,

até mesmo distante. Permaneceu como uma figura olímpica para mim até um domingo em que a família Fosdick veio jantar em nossa casa, e seus dois netos se puseram a contar histórias a respeito d'êles.

—Uma vez vovô foi secretamente escutar um ministro que estava sendo considerado para trabalhar em Riverside—disse Patty às gargalhadas—e teve de ouvir o homem declamar, quase palavra por palavra, um dos sermões d'êle próprio.

—Tenho pena do senhor, Dr. Fosdick—eu disse.—O senhor é o único ministro que não pode plagiar Harry Emerson Fosdick.

Êle atirou a cabeça para trás e riu gostosamente; seu retraimento evaporou-se. Daí em diante senti que êle era um amigo divertido, em vez de um monumento nacional.

Um Poder Maior. Quando problemas entraram em minha vida, pareceu-me perfeitamente natural recorrer ao meu amigo. Hesitante, contei-lhe que alguém a quem eu amava sofrera um colapso nervoso. Para meu espanto, êle me disse que também tinha tido um, havia tempo. Harry Emerson Fosdick, a personificação da saúde física e mental, tivera um colapso nervoso? Não pude acreditar.

Aconteceu, explicou, quando rapaz ainda, noivo, trabalhando como ministro no Bowery, um bairro de vagabundos em Nova York, e estudando para o seu doutorado. Não entrou em detalhes a respeito da doença, porém o fato de me contar

isso criou um vínculo entre nós. Naquela tarde senti-me mais leve. Pela primeira vez percebi que um colapso pode ser uma forma de começar novamente a enfrentar a vida com ânimo nôvo e mais forte.

Posteriormente li na autobiografia d'êle, *The Living of These Days*, o relato dos seus quatro meses em um sanatório, sua longa convalescença e recuperação final. “Nessa experiência”, escreveu êle, “aprendi a orar. . . porque precisava desesperadamente de um Poder maior que eu mesmo.”

No dia seguinte ao do falecimento da Sr.^a Fosdick, eu *vi* a fé religiosa de Harry Emerson Fosdick e jamais a esquecerei. Meu marido e eu fomos visitá-lo. Êle estava com 86 anos e esperávamos encontrá-lo acabrunhado pela perda da espôsa que adorara por mais de 60 anos. Em vez disso, recebeu-nos com um sorriso. “Florence gozou de boa saúde, vocês sabem, até ao fim”, disse êle. “Era eu que tinha as doenças, e receava morrer antes e deixá-la sòzinha. Agora ela se foi e serei *eu* a enfrentar a solidão. Sou muito grato por isto. É uma coisa que posso fazer por Florence.”

Em muitos lares enlutados, as pessoas falam de coisas triviais, quase ignorando a morte. O Dr. Fosdick falou do que é eterno. “Para mim”, afirmou, “a imortalidade pertence à única família de idéias que faz o Universo ter sentido. Sem ela, a gente tem um mundo sem finalidade cujo símbolo definitivo é uma porta fechada.

“Com cada fibra de meu ser, acredito que a vida tem um propósito. Como a luz do Sol, em que não pensamos mas está presente, domina-me uma convicção de que a vida espiritual é eterna e que para além dela há portas abertas. É tudo o que precisamos saber.”

Para Construir Uma Vida. O tênue fio que ligava minha vida à do Dr. Fosdick fortaleceu-se nos anos após a morte de sua esposa. Êle continuou a viver, como sempre o fizera, seguindo um horário de rígida autodisciplina. De manhã, trabalhava em seu escritório (orgulhava-se de responder de próprio punho a tôdas as cartas). Depois do almôço, fazia a sesta; a seguir, um passeio a pé. Frequentemente eu o acompanhava. Êle falava muitas vezes da sua mocidade, e uma vez comentei que devia ter sido bom viver naqueles tempos sem complicações.

Nunca me esqueci da reação dêle: “Minha cara”, exclamou, “nunca houve ‘aquêles velhos bons tempos’. A vida sempre foi uma luta, mas o segredo de viver é hoje o mesmo de sempre. Escolha um objetivo elevado e construa sua vida em tôrno dêle. Dedique-se a êle de todo o coração.”

De outra feita, contei ao Dr. Fosdick que minhas alunas da escola dominical estavam-me dando uma trabalheira.

—Elas dizem que é *impossível* a gente amar ao próximo. Como posso convencê-las de que estão erradas?

—Você não pode—riu-se êle—porque elas têm razão. Naturalmente

não se pode amar a todos! Mas *podemos* ter inabalável boa vontade para com todos.

Duas semanas depois, eu estava de volta à porta dêle:

—As garôtas gostaram da idéia de “boa vontade inabalável”, a princípio. Mas depois experimentaram-na, e agora dizem ser tão difícil quanto amar.

—Difícil?—Êle soergueu as sobrancelhas.—Eu diria que é impossível sem oração.

—Às vezes a oração é apenas um meio de evitar a ação—murmurei.

O Dr. Fosdick entendeu o que eu queria dizer.

—Todos temos de defender-nos das orações infantis, que jogam sobre Deus problemas que Êle nunca resolverá a não ser por nosso intermédio. Rezar não é pedir esmola; é receber. É calcular o que é importante, e o que, com a ajuda de Deus, vamos fazer a respeito.

Sem Limites. No dia 24 de maio de 1969, aniversário dêle, falei com o Dr. Fosdick pelo telefone.

—Deve ser maravilhoso ter 91 anos e continuar com o juízo perfeito—falei.

A risada dêle foi contagiosa.

—Acho que estou com o juízo perfeito, mas minhas pernas não andam tão bem. Contudo, se tiver de fazer uma escolha . . .

Quando indaguei o que êle pensava do futuro da civilização, respondeu com uma fábula:

—Era uma vez um boi e um potro que foram à fonte beber água.

Havia espaço de sobra para os dois beberem juntos, mas pusêram-se a brigar para ver quem beberia primeiro. Estavam a ponto de engalfinhar-se quando viram urubus sobrevoando-os, à espera do resultado do combate. Decidiram beber juntos.

Essa foi a última vez que conversamos. E agora, inacreditavelmente, eis-me aqui assistindo ao culto em memória dêle, em Riverside. O Dr. Robert J. McCracken, seu sucessor, fêz o elogio. Sua voz ressoou: "Hoje muitos encolhem os ombros e dizem:

'Que pode um homem fazer?'" Essa não é uma pergunta que alguém faria hoje aqui. Pensamos no que o Dr. Fosdick realizou, no seu impacto nesta comunidade, nesta nação e no mundo, e sabemos que não há limite algum para o que um indivíduo dedicado, sob a proteção de Deus, possa fazer."

Ergui a cabeça. Meu amigo se fôra, para jamais ser substituído—mas sua fé e seu fervor enchiam aquela vasta igreja. Era de fato uma ocasião de celebração e não de tristeza.



Notícias de Tôda Parte

UMA SURPREENDENTE estatística sobre o nudismo nos Estados Unidos revela que a maior incidência de acampamentos e colônias nudistas per capita não ocorre na ensolarada Califórnia, ou na Flórida, como seria de esperar, e sim no Alasca, onde o sol pode não brilhar com tanta frequência, mas onde os espaços são vastos e livres de olhares curiosos.

—John Ball, citado em *Publisher's Weekly*

EM COPENHAGUE, diante do Palácio Christianborg, que é a sede do Parlamento da Dinamarca, há três figuras de pedra guardando a entrada. Representam a dor de ouvido, a dor de cabeça e a dor de estômago. Disse um dinamarquês sarcástico: "Estão aqui para sugerir que se tem as três quando se entra para a política."

—Marie Fraser, em *Indiana Teacher*

SEGUNDO estatísticas divulgadas recentemente, o inglês médio joga fora como lixo, todos os anos, cinco vezes

o seu próprio pêso, enquanto o americano joga fora dez vezes o seu pêso. O frugal cidadão de Israel, porém, só se desfaz de três vezes e meia o seu pêso.

—*The Insider's Newsletter*

UMA ESCOLA da Libéria resolveu o seu problema da gazeta escolar. Quando uma criança não quer ir para a escola, é obrigada a varrer a delegacia local e lavar os vidros das janelas. Ao cabo de um ou dois dias dêsse regime, está geralmente com disposição—e mesmo ansiedade—de voltar às aulas.

—David M. Paasewe, em *The Irish Digest*

A TRIPULAÇÃO de um helicóptero avisou recentemente à polícia marítima britânica que tinha visto "uma velhinha flutuando num bote a 250 metros da costa". A polícia marítima partiu imediatamente para lá, e descobriu que a velhinha era um rapaz com cabelos compridos até aos ombros que estava calmamente pescando.

—*Daily Mail*, Londres